REVISTA AC
Publicação científica

v. [01] | n. [02] | p. [214-229] | [jul-dez] [2026]
ISSN: 3086-819X

ARTE, SAÚDE MENTAL E SINGULARIDADE: RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UM PROJETO DE EXTENSÃO EM PSICOLOGIA

ART, MENTAL HEALTH AND SINGULARITY: AN EXPERIENCE REPORT OF AN EXTENSION PROJECT IN PSYCHOLOGY

DOI: 10.5281/zenodo.23548662

Felipe Eduardo Ramos de Carvalho[1]
Lauany da Silva Santos[2]
Kemilly Maelly[3]
Laislayne Emanuela Januário Silva[4]

Resumo

O presente artigo relata a experiência de um projeto de extensão em Psicologia desenvolvido com pessoas atendidas pela Associação de Amparo aos Doentes Mentais São João Batista (ASADOM), em Caratinga/MG. Teve como objetivo compreender as possibilidades de utilização de recursos artísticos como formas de expressão, convivência e cuidado em saúde mental, articulando a experiência aos princípios da Reforma Psiquiátrica e ao legado de Nise da Silveira. Trata-se de um relato de experiência de abordagem qualitativa, construído a partir das intervenções realizadas, da observação participante e de registros em diário de campo. Foram desenvolvidas oficinas de desenho, pintura, música e trabalhos manuais, adaptadas às possibilidades, interesses e ritmos dos participantes. A experiência possibilitou observar manifestações de memórias, afetos, preferências e histórias de vida, além de favorecer reflexões sobre autonomia, singularidade e reconhecimento social. Para os estudantes, a vivência contribuiu para a articulação entre teoria e prática, ampliando a compreensão sobre o cuidado em saúde mental para além do diagnóstico e das limitações individuais. Conclui-se que práticas extensionistas com recursos artísticos podem constituir espaços de expressão, convivência e participação, desde que desenvolvidas de forma contextualizada e sensível à singularidade dos sujeitos.

[1]Mestrando em Política Social pelo programa de Estudos Pós-Graduados em Política Social da Universidade Federal Fluminense (UFF), pós-graduado em Saúde Mental pelo Centro Universitário de Caratinga - UNEC e graduado em psicologia pelo UNEC. E-mail: felipecarvalhopsicologo@gmail.com. Currículo Lattes: http://lattes.cnpq.br/5132631662521430.

[2]Graduanda do 8º período do curso de psicologia da Rede de Ensino Doctum, unidade de Caratinga. E-mail: aluno.lauany.santos@doctum.edu.br.

[3]Graduanda do 8º período do curso de psicologia da Rede de Ensino Doctum, unidade de Caratinga. E-mail: aluno.kemilly.soares@doctum.edu.br.

[4]Graduanda do 6º período do curso de psicologia da Rede de Ensino Doctum, unidade de Caratinga. E-mail: aluno.laislayne.silva@doctum.edu.br.

v. [01] | n. [02] | p. [214-229] | [jul-dez] [2026]
ISSN: 3086-819X

Palavras-chave: Saúde mental. Arte. Extensão universitária. Nise da Silveira. Singularidade.

Abstract

This article reports the experience of a Psychology extension project developed with people assisted by the Associação de Amparo aos Doentes Mentais São João Batista (ASADOM), in Caratinga, Minas Gerais, Brazil. It aimed to understand the possibilities of using artistic resources as forms of expression, social interaction and care in mental health, linking the experience to the principles of the Brazilian Psychiatric Reform and to the legacy of Nise da Silveira. This is a qualitative experience report, built from the interventions carried out, participant observation and field diary records. Drawing, painting, music and handicraft workshops were developed, adapted to the possibilities, interests and pace of the participants. The experience made it possible to observe expressions of memories, affections, preferences and life stories, in addition to fostering reflections on autonomy, singularity and social recognition. For the students, the experience contributed to the articulation between theory and practice, broadening the understanding of mental health care beyond diagnosis and individual limitations. It is concluded that extension practices using artistic resources can constitute spaces for expression, social interaction and participation, provided that they are developed in a contextualized way and are sensitive to the singularity of the subjects.

Keywords: Mental health. Art. University extension. Nise da Silveira. Singularity.

1 Introdução

O cuidado em saúde mental no Brasil passou por importantes transformações a partir da Reforma Psiquiátrica, que questionou práticas centradas no isolamento e na redução da pessoa à doença, fortalecendo perspectivas orientadas pelos direitos, pela autonomia e pela convivência social. Nesse contexto, recursos artísticos e expressivos passaram a ocupar diferentes espaços de cuidado por possibilitarem formas de comunicação e participação que não se restringem à linguagem verbal. A arte, nesse sentido, pode constituir um recurso para expressão, produção de sentidos e construção de vínculos, desde que compreendida em articulação com a história, o contexto e a singularidade de quem produz. Como aponta Tommasi (2005), a produção artística atua como via de expressão simbólica no encontro com a loucura, permitindo que a subjetividade, as memórias e os sentimentos ganhem forma material para além do valor puramente estético.

Essa integração entre arte e saúde mental encontra sua referência fundamental no trabalho pioneiro de Nise da Silveira. Ao contestar os métodos psiquiátricos agressivos vigentes em sua época, Nise transformou os ateliês em espaços de acolhimento e livre criação. Castro e Lima (2007) destacam que essa postura foi decisiva para deslocar o uso de trabalhos manuais de uma lógica meramente

v. [01] | n. [02] | p. [214-229] | [jul-dez] [2026]
ISSN: 3086-819X

ocupacional ou passatempo para uma prática focada na valorização da criatividade e do protagonismo do sujeito.

A assimilação dessa perspectiva na formação em Psicologia ganha concretude, por exemplo, por meio da extensão universitária. Pinheiro e Narciso (2022) explicam que essa prática viabiliza uma via de mão dupla entre a universidade e a comunidade, permitindo que o conhecimento teórico seja tensionado e ressignificado pelas demandas sociais reais. É no entrecruzamento dessas bases teórico-práticas que se insere o trabalho desenvolvido na Associação de Amparo aos Doentes Mentais São João Batista (ASADOM), onde acontecem as intervenções que são objeto deste estudo.

Na ASADOM, esses referenciais foram articulados à experiência extensionista por meio de encontros semanais com oficinas de desenho, pintura, música e trabalhos manuais. As propostas eram adaptadas às possibilidades e aos interesses dos participantes, respeitando seus diferentes ritmos de participação. Aos estudantes coube sustentar um espaço de convivência, escuta e livre expressão, utilizando a observação participante e o vínculo construído ao longo dos encontros como elementos fundamentais da experiência.

Diante desse contexto, o presente artigo tem como objetivo geral relatar a experiência vivenciada durante o projeto de extensão desenvolvido por estudantes do curso de Psicologia da unidade da Rede de Ensino Doctum de Caratinga na ASADOM. Como objetivos específicos, busca-se:

- Compreender como as oficinas de arte atuam como recurso diário de expressão e cuidado;
- Refletir sobre a atualidade do legado de Nise da Silveira na condução de práticas focadas na singularidade e na não contenção do sujeito;
- Analisar os impactos da vivência extensionista na formação acadêmica, sobretudo no que tange ao desenvolvimento de um olhar sensível à autonomia, à desconstrução do estigma de incapacidade e ao fortalecimento da participação social dos assistidos.

Trata-se de um relato de experiência, de abordagem qualitativa, desenvolvido no âmbito de um projeto de extensão em Psicologia realizado na ASADOM, em Caratinga/MG, a partir de fevereiro de 2025. As atividades foram conduzidas por estudantes do curso de Psicologia, sob acompanhamento docente, em encontros semanais, aos sábados, com os participantes da instituição. Foram realizadas oficinas de desenho, pintura, música e trabalhos manuais, além de momentos de convivência e atividades relacionadas a datas comemorativas. A experiência foi registrada em diários de campo elaborados após os encontros, posteriormente sistematizados e analisados em diálogo com a literatura sobre saúde mental,

v. [01] | n. [02] | p. [214-229] | [jul-dez] [2026]
ISSN: 3086-819X

extensão universitária e práticas artísticas e expressivas. Participam das atividades 24 estudantes que estão no 1º até o 6º períodos.

2 Contextualizando a prática extensionista e as percepções vivenciadas

A Associação de Amparo aos Doentes Mentais São João Batista é uma organização da sociedade civil sem fins lucrativos, sediada em Caratinga, Minas Gerais, e fundada em 26 de agosto de 1983 (IPEA, 2024). A instituição está registrada na base do Mapa das Organizações da Sociedade Civil na área de assistência psicossocial e à saúde de pessoas com distúrbios psíquicos, deficiência mental e dependência química (IPEA, 2024), e atende atualmente cerca de 60 pessoas assistidas (ASADOM, [s.d.]). Ao longo de mais de quatro décadas de atuação, a associação vem se mantendo, em grande parte, por meio de doações e parcerias com a comunidade local, a exemplo do apoio recebido de entidades civis como o Lions Clube Centro de Caratinga, e da sua participação em mobilizações municipais em defesa da saúde mental, como a Semana da Luta Antimanicomial, conforme divulgado pela imprensa local (Diário de Caratinga, 2017, 2019). É nesse cenário de escassez de recursos, mas também de vínculo comunitário, que se insere este relato de experiência extensionista.

Antes de aprofundar o referencial teórico que sustenta esta experiência, apresenta-se a seguir o contexto concreto em que o projeto de extensão foi desenvolvido, de modo a situar o leitor na realidade institucional e relacional que orientou as reflexões posteriores.

O projeto de extensão desenvolvido na ASADOM teve início em fevereiro de 2025, possibilitando uma aproximação gradual com a realidade da instituição e com as pessoas assistidas. O primeiro contato aconteceu por meio de uma visita acompanhada pelo professor responsável, quando foi possível conhecer o espaço, compreender parte de seu funcionamento e estabelecer os primeiros contatos com os assistidos. A partir desse momento, iniciou-se um processo que ultrapassou a realização de atividades previamente planejadas e passou a ser construído também pela observação, pela convivência e pelas demandas que surgiam a cada encontro. Essa aproximação gradual, mais do que uma etapa metodológica, expressava já na prática o que Pinheiro e Narciso (2022) descrevem como uma relação de troca entre universidade e sociedade, pois antes de intervir, era preciso ser recebido, conhecer e ser conhecido.

A aproximação inicial com a instituição também evidenciou a presença de concepções socialmente construídas sobre as pessoas em sofrimento psíquico, especialmente aquelas associadas à incapacidade e à limitação. A convivência cotidiana, entretanto, possibilitou deslocar esse olhar ao evidenciar interesses, habilidades, desejos, vínculos e diferentes formas de participação. Assim, aquilo que inicialmente poderia ser compreendido apenas pela perspectiva da limitação passou a ser

v. [01] | n. [02] | p. [214-229] | [jul-dez] [2026]
ISSN: 3086-819X

reconhecido como uma dimensão entre outras da experiência de cada sujeito. Essa transformação no olhar dialoga diretamente com o legado de Nise da Silveira, cuja atuação se pautou pelo reconhecimento da singularidade do sujeito para além do diagnóstico (Frayze-Pereira, 2003; Castro; Lima, 2007), e encontra respaldo em Correia e Torrenté (2016), para quem a produção artística pode favorecer processos de revisão da identidade e de empoderamento justamente por evidenciar aquilo que a pessoa ainda é capaz de desejar e realizar.

Embora exista um planejamento das atividades, a experiência mostrou a necessidade de permanecer atento ao que emergia no próprio espaço. As propostas foram sendo adaptadas conforme os interesses, as possibilidades e as necessidades percebidas durante os encontros. A música, por exemplo, apareceu como algo de que os assistidos gostavam e passou a fazer parte de alguns momentos, inclusive com a presença do violão, canto e interação entre o grupo. Em outra ocasião, foi proposta uma atividade com massinha, pensada a partir do desejo de proporcionar uma experiência mais sensorial e relacionada ao contato com elementos expressivos e de livre manipulação. A pintura e o desenho mostraram-se mais acessíveis e foram recursos aos quais os assistidos aderiram com maior facilidade. Essa prática evidenciou que a intervenção precisava considerar não apenas aquilo que se desejava propor, mas principalmente as possibilidades reais das pessoas que participavam dela — reconhecendo e respeitando o tempo e o ponto de partida de cada uma, sem apressar processos, mas sustentando um espaço seguro para que novas potencialidades pudessem se desdobrar.

Essa necessidade de ajustar continuamente as propostas ilustra o que Galvanese, Nascimento e D'Oliveira (2013) apontam ao afirmarem que o potencial de uma atividade não está no material em si, mas na maneira como ela se articula ao vínculo, ao contexto e às possibilidades concretas de quem a realiza — o que ajuda a compreender por que a massinha, tecnicamente rica, não encontrou o mesmo acolhimento que a pintura e o desenho.

A proposta acabou dando lugar a uma experiência bastante significativa de expressão. Uma das participantes coloriu um desenho que continha uma casa, uma árvore, flores e o céu. Ela pintou praticamente todos os elementos, mas deixou a casa em branco. Ao compartilhar o resultado, explicou que não a coloriu porque, em sua realidade, a casa era pintada com cal branco. Um detalhe que poderia ser entendido simplesmente como uma parte inacabada do desenho revelou uma lembrança relacionada à sua própria história. Esse episódio ilustra de maneira concreta o que Jung (2013) descreve sobre o valor simbólico das imagens, em que a casa deixada em branco não era um detalhe inacabado, mas uma forma de expressão que só pôde ser compreendida a partir da escuta da história de quem a produziu, confirmando a leitura de Tommasi (2005) sobre a produção artística como via de acesso a conteúdos da experiência subjetiva.

v. [01] | n. [02] | p. [214-229] | [jul-dez] [2026]
ISSN: 3086-819X

Outras experiências foram mostrando essa mesma possibilidade. Durante uma atividade artística realizada com palitos, um dos assistidos desejou construir uma escada. Enquanto recebia ajuda para produzi-la, começou a falar sobre a época em que subia uma escada para chegar ao terraço e ficava observando a paisagem. A escada construída naquele momento passou a remeter a um espaço que havia feito parte de sua vida.

Em outra ocasião, a dimensão da memória e da história singular também emergiu a partir do estímulo sonoro. Durante uma atividade em que se utilizou música de fundo, um dos participantes, ao escutar uma canção específica, silenciou suas atividades por alguns instantes para relatar que aquela música o remetia diretamente à sua adolescência. Ele compartilhou lembranças de como era sua casa, seu bairro e seus amigos daquela época, permitindo que a música funcionasse não apenas como um fundo ambiente, mas como um disparador de afetos, identidade e resgate de sua trajetória. Também aqui se confirma a leitura junguiana da imagem como expressão simbólica (Jung, 2013), onde tanto a representação da escada quanto as memórias evocadas pela canção não eram meras produções casuais ou exercícios mecânicos, mas, como já indicava a leitura de Osório César (1929 *apud* Andriolo, 2003), verdadeiras vias de acesso à subjetividade, onde objetos e sons atuam como meios de projeção do mundo interno e da identidade do sujeito.

Essas situações ajudaram a compreender que nem sempre era possível saber o significado de uma produção apenas olhando para ela. Era necessário perguntar, escutar e conhecer um pouco da história de quem a havia produzido. Mesmo quando existiam dificuldades na comunicação verbal, outras formas de expressão permaneciam presentes. Uma cor, uma forma, a escolha de determinado objeto ou a maneira de realizar uma atividade podiam abrir espaço para uma lembrança, uma preferência ou uma experiência vivida. Assim, a arte foi deixando de ser percebida somente como uma atividade a ser realizada e passou a constituir também uma possibilidade de aproximação com histórias que nem sempre apareciam espontaneamente pela palavra.

Essa constatação retoma diretamente a ressalva discutida anteriormente em que o sentido de uma produção não está disponível a um observador externo, mas emerge da relação estabelecida com o sujeito e da escuta de sua narrativa. Nesse sentido, a experiência confirma o que Correia e Torrenté (2016) descrevem como o papel da produção artística na facilitação da expressividade e da comunicação sobre si, sobretudo quando a linguagem verbal encontra limites.

Essa percepção já começava a aparecer nos próprios registros realizados durante o projeto. Em um dos diários de campo, a observação das atividades levou à reflexão de que gestos, falas e até silêncios poderiam comunicar aspectos importantes da experiência dos assistidos, fazendo com que os encontros

v. [01] | n. [02] | p. [214-229] | [jul-dez] [2026]
ISSN: 3086-819X

fossem compreendidos para além da simples realização de tarefas. O próprio exercício de registro em diário de campo, nesse sentido, funcionou como instrumento para captar o que Tommasi (2005) chama de expressão simbólica: gestos e silêncios, tanto quanto as produções feitas por meio da arte, também comunicavam aspectos da experiência subjetiva dos assistidos.

A convivência também permitiu perceber necessidades e desejos presentes em situações aparentemente simples do cotidiano. Em determinado encontro, alguns assistidos pediram para ver as fotografias realizadas durante as atividades e solicitaram que fossem reveladas para que pudessem ficar com elas. O pedido chamou atenção para a importância de se ver representado e de possuir um registro de momentos dos quais haviam participado. Em outras situações, apareceram falas relacionadas à própria aparência, às roupas, aos lugares que fizeram parte de suas histórias e às experiências que gostariam de viver novamente. O desejo de ver-se representado nas fotografias antecipava, de certa forma, o que a exposição final do projeto viria a proporcionar de maneira mais ampla, a possibilidade de reconhecimento social discutida por Correia e Torrenté (2016) como um dos efeitos da participação em atividades expressivas.

A partir dessas vivências, a compreensão acerca da liberdade também foi ganhando um sentido mais concreto. As limitações existentes não anulavam desejos relacionados à escolha, à autonomia, ao aprendizado, aos vínculos e à expressão. Foi possível compreender que liberdade não precisava aparecer somente como uma ideia ampla de poder ir e vir. Naquele contexto, ela também poderia estar presente em coisas aparentemente pequenas, tais como poder escolher a roupa que se deseja vestir, participar de uma atividade de interesse, expressar uma preferência, aprender algo novo, amar, estabelecer relações ou simplesmente observar o azul do céu. Essa compreensão concreta da liberdade aproxima-se do legado de Nise da Silveira, que reconhecia na produção dos pacientes um valor que extrapola o diagnóstico clínico, e confirma o próprio sentido da extensão universitária discutido por Silva (2020) através da revisão de conceitos abstratos — como liberdade e autonomia — a partir do contato com a realidade concreta dos sujeitos.

A experiência também suscitou reflexões sobre os desafios do cuidado em contextos institucionais. Sem estabelecer equivalência entre a ASADOM e as instituições manicomiais historicamente questionadas pela Reforma Psiquiátrica, a convivência possibilitou pensar sobre a necessidade permanente de preservar espaços de escolha, expressão, convivência e reconhecimento da história de cada pessoa. Dessa forma, a experiência reforçou a importância de práticas de cuidado que não reduzam o sujeito à condição de pessoa assistida.

v. [01] | n. [02] | p. [214-229] | [jul-dez] [2026]
ISSN: 3086-819X

Mais do que apontar uma falha da instituição, essas vivências despertaram a necessidade de pensar em formas de cuidado que continuem reconhecendo o sujeito para além de suas limitações e de sua condição de pessoa assistida. Essas reflexões dialogam com o próprio movimento da Reforma Psiquiátrica discutido na introdução deste artigo e com a trajetória de resistência de Nise da Silveira, que se recusou a reproduzir práticas psiquiátricas que desconsideravam a dignidade dos pacientes em que reconhecer os desafios do cuidado institucional, mesmo em um contexto distinto das antigas instituições manicomiais, é também um modo de dar continuidade a esse legado.

Os momentos relacionados às datas comemorativas também fizeram parte desse processo. Ao longo do projeto foram realizadas atividades referentes ao Carnaval, à Páscoa, à festa junina e ao Natal. Na festa junina, por exemplo, houve caracterização, dança, música e compartilhamento de comidas típicas. A participação conjunta nesses momentos permitiu vivenciar uma relação que não se restringia à realização de uma intervenção. Havia também convivência, celebração e troca. Esses momentos evidenciam, na prática, o que Pinheiro e Narciso (2022) descrevem sobre a extensão universitária, caracterizando-a como uma relação de troca na qual a comunidade não ocupa apenas o lugar de receptora de uma intervenção, mas participa de um processo de convivência e celebração que também produz aprendizagem para os estudantes envolvidos.

Com o decorrer do tempo, o vínculo construído passou a ser percebido de diferentes maneiras. Após um período de férias, a forma como os assistidos receberam o grupo no retorno foi percebida como demonstração de que a ausência havia sido sentida. Essa experiência ajudou a compreender que a continuidade dos encontros e a presença também constituíam partes importantes do projeto. Nem tudo aquilo que produzia significado estava necessariamente previsto no roteiro de uma intervenção. Esse reconhecimento mútuo do vínculo construído confirma o argumento de Galvanese, Nascimento e D'Oliveira (2013) de que o cuidado se constrói na articulação entre atividade, vínculo, contexto e objetivos, e não apenas na realização pontual de uma tarefa.

No decorrer desse percurso, as produções realizadas foram apresentadas em uma exposição artística. Esse momento adquiriu um significado que ultrapassava a apresentação dos trabalhos produzidos. Ao longo dos encontros, desenhos, pinturas e outras produções haviam possibilitado o aparecimento de memórias, preferências, habilidades e fragmentos das histórias dos assistidos. Quando essas produções passaram a ocupar um espaço de exposição e puderam ser vistas por outras pessoas, também se abriu uma possibilidade de reconhecimento de quem as havia produzido. A manifestação de um dos assistidos sobre sentir-se visto tornou esse significado ainda mais evidente. Essa passagem das produções ao espaço da exposição retoma, guardadas as devidas proporções históricas, o gesto pioneiro de Osório César (1929 *apud* Andriolo, 2003), que já promovia exposições das obras dos internos do

v. [01] | n. [02] | p. [214-229] | [jul-dez] [2026]
ISSN: 3086-819X

Juquery, e de Nise da Silveira, cujo Museu de Imagens do Inconsciente ampliou o reconhecimento social da produção de pessoas em sofrimento psíquico. Em ambos os casos, como na experiência da ASADOM, expor não era apenas mostrar um resultado, mas afirmar a existência de quem produziu.

A experiência vivenciada na ASADOM promove uma transformação importante na maneira de compreender as pessoas em sofrimento psíquico. O olhar inicialmente voltado para aquilo que elas não conseguiam fazer foi dando espaço à percepção daquilo que permanecia possível e desejado. Foram encontradas pessoas com limitações, mas também com histórias, habilidades, lembranças, afetos, relações e vontade de aprender e produzir. Pessoas que desejavam conversar, mostrar o que haviam feito, amar, ser reconhecidas e expressar algo de si. Essa mudança de perspectiva é justamente o que Nise da Silveira buscou consolidar ao longo de sua trajetória por meio de uma psiquiatria voltada à singularidade do sujeito, que não o reduz ao diagnóstico. Os resultados observados também dialogam com os achados de Correia e Torrenté (2016) sobre expressividade, sociabilidade, revisão da identidade e empoderamento como efeitos possíveis da produção artística.

Nesse percurso, a arte mostrou sua importância não apenas pelo produto final, mas pelo que acontecia enquanto se produzia. Uma casa deixada branca podia trazer a lembrança de um lugar vivido; um acorde feito com vozes podia levar novamente a uma ponte e a uma harmonia; determinadas formas pintadas podiam carregar a memória de um trabalho realizado durante anos. Essa constatação corrobora tanto a leitura junguiana sobre o valor simbólico da imagem (Jung, 2013) quanto o argumento de Galvanese, Nascimento e D'Oliveira (2013) de que o potencial da arte não reside no material utilizado, mas na maneira como a atividade possibilita relações, expressão e produção de sentidos.

3 A importância dos projetos de extensão para a formação em Psicologia

A extensão universitária integra, ao lado do ensino e da pesquisa, o tripé que sustenta a formação acadêmica, sendo compreendida como uma relação de troca entre universidade e sociedade, na qual o conhecimento acadêmico dialoga com os saberes produzidos nas experiências sociais (Pinheiro; Narciso, 2022). Trata-se de um conceito em constante construção, historicamente articulado ao ensino e à pesquisa, que convida a comunidade acadêmica a rever seus conhecimentos diante das demandas encontradas nos diferentes espaços de atuação (Silva, 2020).

Nesse sentido, a extensão não deve ser compreendida como uma atividade complementar ou periférica na formação do psicólogo, mas como um eixo estruturante que possibilita a articulação entre teoria e prática. Ao inserir o estudante em contextos reais de sofrimento, cuidado e convivência, a experiência extensionista rompe com a lógica de uma formação centrada exclusivamente na sala de aula,

v. [01] | n. [02] | p. [214-229] | [jul-dez] [2026]
ISSN: 3086-819X

exigindo do aluno a mobilização de saberes técnicos, éticos e relacionais diante de situações que nem sempre encontram resposta pronta na literatura.

Essa dimensão formativa ganha relevância particular no campo da saúde mental, historicamente marcado por práticas de exclusão e institucionalização. Ao atuar em espaços como a ASADOM, o estudante de Psicologia é convocado a construir um olhar que ultrapassa o diagnóstico e a categorização da doença, aproximando-se da singularidade de cada sujeito assistido. Essa aproximação exige a construção de vínculo, escuta sensível e disponibilidade para o não saber — habilidades que dificilmente seriam desenvolvidas apenas por meio do ensino teórico.

Além disso, a extensão universitária cumpre uma função de responsabilidade social, na medida em que devolve à comunidade parte do conhecimento produzido dentro da universidade, ao mesmo tempo em que permite que essa mesma comunidade ressignifique e questione os saberes acadêmicos. Esse movimento de mão dupla, defendido por Pinheiro e Narciso (2022), fortalece tanto a formação do futuro profissional quanto a própria instituição de ensino, que se mantém em diálogo constante com as demandas sociais concretas.

Na formação em Psicologia, essa aproximação com a realidade social é especialmente relevante, pois os projetos de extensão colocam o estudante em contato direto com contextos, instituições e populações que a sala de aula não alcança sozinha. De modo semelhante, Santos, Rocha e Passaglio (2016) constatam que a participação em atividades extensionistas favorece, simultaneamente, o crescimento acadêmico, profissional e pessoal do estudante, ao estimular a reflexão entre teoria e prática e a interação com o campo social.

Essa perspectiva teórica ganha contornos concretos na experiência desenvolvida na ASADOM, cujo contexto de atuação foi apresentado anteriormente, pois o contato com os assistidos não representou apenas uma oportunidade de executar atividades previamente aprendidas: a convivência colocou em questão concepções sobre sofrimento psíquico, incapacidade, autonomia e institucionalização, revelando que a extensão universitária assume uma função formativa que articula conhecimentos técnicos a uma dimensão ética e relacional. É nesse movimento entre formação acadêmica e experiência concreta que a extensão contribui para uma atuação profissional mais comprometida com a complexidade das realidades humanas.

Na prática cotidiana da instituição, os encontros semanais organizavam-se em torno das oficinas expressivas, nas quais os assistidos tinham à disposição materiais diversos — tintas, lápis de cor, papéis, massas de modelar e sucatas — para produzir livremente, sem tema ou técnica pré-definidos. Nesse espaço, coube aos extensionistas não a função de ensinar uma técnica artística ou corrigir um traço, mas a

v. [01] | n. [02] | p. [214-229] | [jul-dez] [2026]
ISSN: 3086-819X

de sustentar um ambiente de confiança no qual cada assistido pudesse experimentar, em seu próprio tempo, formas de expressão que muitas vezes não encontravam lugar em outros contextos de sua vida institucional.

Essa postura de disponibilidade exigiu constantemente dos alunos um deslocamento importante: aprender a permanecer ao lado do outro sem a pressa de intervir, de interpretar ou de solucionar. Momentos de silêncio prolongado diante de uma folha em branco, a repetição estruturada de um mesmo traço ou cor ao longo de semanas, ou ainda a recusa em participar da atividade proposta em determinado dia passaram a ser compreendidos não como resistência a ser vencida, mas como formas legítimas de comunicação e de posicionamento subjetivo. Essa reconfiguração do olhar — de uma expectativa de produtividade para uma escuta da singularidade — constituiu um dos aprendizados mais significativos da vivência.

O vínculo afetivo construído ao longo dos encontros também se mostrou central para o desenvolvimento do trabalho. À medida que a convivência semanal se consolidava, tornou-se possível observar mudanças sutis, porém relevantes: assistidos que inicialmente permaneciam distantes das oficinas passaram a buscar os extensionistas para mostrar suas produções; outros começaram a verbalizar memórias e sentimentos associados às imagens que criavam, revelando a dimensão simbólica da produção artística discutida por Tommasi (2005). Essas transformações, registradas nos diários de campo após cada encontro, evidenciam que o espaço da oficina ultrapassava a função de ocupação do tempo, configurando-se como território de elaboração psíquica e de fortalecimento da autoestima e do protagonismo dos sujeitos.

Além do contato direto com os assistidos, a experiência na ASADOM também envolveu a observação das dinâmicas institucionais e das relações entre os próprios frequentadores do espaço — trocas de materiais, comentários sobre as produções alheias, momentos de cooperação e também de disputa — o que possibilitou aos extensionistas uma compreensão mais ampla da vida social construída dentro da instituição, para além da relação individual entre aluno e assistido.

Essa dimensão coletiva reforçou a percepção de que o cuidado em saúde mental, na perspectiva antimanicomial, não se restringe ao encontro terapêutico pontual, mas se constrói na sustentação cotidiana de espaços de convívio, pertencimento e livre expressão. É justamente sobre essa dimensão expressiva da experiência — os recursos artísticos mobilizados nos encontros e os sentidos que passaram a emergir a partir deles — que se debruça a discussão apresentada a seguir.

v. [01] | n. [02] | p. [214-229] | [jul-dez] [2026]
ISSN: 3086-819X

4 Compreendendo a arteterapia e a produção artística no cuidado em saúde mental

A arteterapia utiliza recursos artísticos e processos criativos como possibilidades de expressão e elaboração da experiência. Nessa perspectiva, o valor da produção não está centrado em critérios estéticos ou na habilidade artística de quem a realiza, mas no processo de criação e nos sentidos que podem emergir a partir dele. Tommasi (2005), ao abordar a utilização da arte junto a pessoas em sofrimento psíquico, apresenta a produção artística como uma possibilidade de expressão simbólica que pode favorecer o contato com aspectos da experiência subjetiva.

Uma das influências teóricas importantes nesse campo encontra-se na Psicologia Analítica de Carl Gustav Jung. Para Jung (2013), as imagens e os símbolos ocupam lugar relevante na expressão da vida psíquica, podendo representar conteúdos que não se apresentam de maneira inteiramente acessível pela linguagem racional. Essa perspectiva contribuiu historicamente para que a imagem produzida pelo sujeito deixasse de ser considerada apenas um objeto estético e passasse a ser reconhecida como uma forma possível de expressão.

Entretanto, reconhecer a dimensão simbólica de uma produção não significa atribuir-lhe uma interpretação pronta. Esse cuidado é particularmente importante no campo da saúde mental, uma vez que a produção artística não pode ser separada da experiência de quem a realiza. O sentido de uma imagem, de uma cor ou de um objeto produzido não está necessariamente disponível para um observador externo. A compreensão pode surgir justamente da relação estabelecida com o sujeito, da escuta de sua narrativa e daquilo que ele próprio relaciona à produção.

A literatura sobre arte e saúde mental amplia essa discussão. Correia e Torrenté (2016), ao analisarem 28 estudos qualitativos, encontraram diferentes contribuições da produção artística para processos de reabilitação psicossocial, incluindo expressividade, sociabilidade, revisão da identidade, ampliação de competências pessoais e empoderamento. Entre os estudos revisados, a produção artística apareceu também como facilitadora da expressão de memórias e da comunicação sobre si. Esses resultados ajudam a compreender por que uma atividade aparentemente simples pode adquirir sentidos diferentes quando relacionada à história da pessoa que a realiza.

Ao mesmo tempo, os próprios autores alertam para a necessidade de cautela na generalização desses benefícios, uma vez que os mecanismos e a duração dos efeitos das práticas artísticas ainda demandam investigação. Essa ressalva é importante para a compreensão da experiência extensionista apresentada neste artigo, pois não se pretende aqui afirmar que as atividades realizadas produziram efeitos terapêuticos específicos ou mudanças clínicas, mas analisar as possibilidades de expressão, encontro e participação observadas ao longo do projeto.

v. [01] | n. [02] | p. [214-229] | [jul-dez] [2026]
ISSN: 3086-819X

Essa compreensão também encontra respaldo em Galvanese, Nascimento e D'Oliveira (2013), que questionam a associação automática entre realização de uma atividade e efeito terapêutico. Ao analisarem práticas de arte e cultura em serviços de atenção psicossocial, as autoras mostram que o cuidado se constrói na articulação entre atividade, vínculo, contexto e objetivos. Assim, o potencial da arte não reside apenas no material utilizado, mas na maneira como a atividade possibilita relações, expressão e produção de sentidos.

Desse modo, no presente relato, o termo arteterapia é utilizado como referencial para compreender a utilização de recursos artísticos e expressivos no cuidado em saúde mental. As atividades desenvolvidas durante o projeto são tratadas como práticas extensionistas com recursos artísticos, evitando atribuir aos estudantes a realização de um processo clínico especializado ou afirmar resultados terapêuticos que não foram avaliados sistematicamente. Essa compreensão da arteterapia como recurso de cuidado sensível à singularidade do sujeito dialoga diretamente com o legado de uma das principais referências brasileiras nesse campo, Nise da Silveira, apresentado na sequência.

5 Nise da Silveira e seu legado

A partir de referenciais teóricos distintos, Nise da Silveira aproximou a arte do cuidado em saúde mental. Ao fundar, em 1946, a Seção de Terapêutica Ocupacional do então Centro Psiquiátrico Nacional Pedro II, no Rio de Janeiro, orientou sua prática pela psicologia analítica de Carl Gustav Jung, valorizando a espontaneidade da criação como caminho de expressão da vida psíquica (Castro; Lima, 2007). A leitura junguiana de Nise a tornava convicta de que a arte produzida por pessoas em sofrimento psíquico possuía valor que extrapolava o diagnóstico clínico, antecipando discussões que a extensão universitária e a Psicologia contemporânea retomam ao aproximar teoria e prática no cuidado em saúde mental.

A trajetória de Nise da Silveira foi marcada, ainda, por um percurso de resistência política. Formada pela Faculdade de Medicina da Bahia em 1926, ingressou por concurso no antigo Centro Psiquiátrico Nacional Pedro II, no Rio de Janeiro, mas foi presa em 1936, acusada de simpatizar com o movimento comunista, permanecendo detida por cerca de dezesseis meses. Ao retornar à instituição, recusou-se a aplicar tratamentos então correntes na psiquiatria, como o eletrochoque e a lobotomia, por considerá-los agressivos à dignidade dos pacientes. Foi nesse contexto de oposição às práticas hegemônicas que, em 1946, fundou a Seção de Terapêutica Ocupacional, cujas atividades de pintura, modelagem e escultura deram origem, em 1952, ao Museu de Imagens do Inconsciente, hoje o maior acervo do gênero no mundo (Frayze-Pereira, 2003).

v. [01] | n. [02] | p. [214-229] | [jul-dez] [2026]
ISSN: 3086-819X

O diálogo de Nise da Silveira com Carl Gustav Jung também merece destaque nessa trajetória. Em 1954, ao reunir uma série de imagens circulares produzidas pelos pacientes, escreveu ao psiquiatra suíço perguntando se poderiam ser consideradas mandalas; a resposta entusiasmada de Jung a incentivou a fundar, no ano seguinte, o primeiro grupo de estudos junguianos do Brasil, introduzindo a psicologia analítica na América Latina. O reconhecimento internacional desse trabalho veio pouco depois: em 1957, o próprio Jung inaugurou, em Zurique, uma exposição com pinturas do Museu de Imagens do Inconsciente, durante o 2º Congresso Internacional de Psiquiatria.

Em 1956, Nise da Silveira fundou a Casa das Palmeiras, clínica de reabilitação em regime aberto para egressos de instituições psiquiátricas, a primeira desse tipo no Brasil e precursora do que hoje se organiza nos Centros de Atenção Psicossocial (CAPS). Foi também pioneira ao incorporar animais ao cuidado terapêutico, elegendo cães e gatos como "co-terapeutas", na convicção de que a afetividade permanecia presente mesmo diante da desorganização psíquica mais severa. Esse conjunto de iniciativas consolidou Nise da Silveira como uma das principais referências, no Brasil, de uma psiquiatria voltada à singularidade do sujeito — legado que dialoga diretamente com os princípios que orientaram a experiência extensionista relatada neste artigo.

6 Considerações finais

A experiência relatada permite afirmar que o projeto de extensão desenvolvido na ASADOM tem cumprido o objetivo geral proposto, possibilitando uma aproximação concreta entre a formação em Psicologia e a realidade de pessoas em sofrimento psíquico. Ao longo dos encontros, os recursos artísticos mostram-se, conforme discutido, um caminho privilegiado de expressão, permitindo o acesso a memórias, afetos e fragmentos de histórias de vida que dificilmente apareceriam apenas pela via da comunicação verbal. A casa deixada branca, a escada construída com palitos e as pinturas que remetiam ao trabalho com tapetes exemplificam esse potencial expressivo da produção artística no cuidado em saúde mental.

Quanto aos objetivos específicos, a experiência possibilitou refletir sobre o legado de Nise da Silveira e reconhecer, na convivência cotidiana, uma continuidade de seus princípios: o respeito à singularidade do sujeito e a recusa em reduzi-lo ao diagnóstico ou à incapacidade. A análise das aprendizagens construídas ao longo do projeto revelou, ainda, que a autonomia pôde ser percebida em gestos simples do cotidiano — escolher uma roupa, participar de uma atividade, subir até um terraço para observar a paisagem —, deslocando a compreensão sobre liberdade de uma ideia abstrata para experiências concretas e possíveis dentro do contexto institucional.

v. [01] | n. [02] | p. [214-229] | [jul-dez] [2026]
ISSN: 3086-819X

Do ponto de vista da formação em Psicologia, a vivência confirma o que a literatura sobre extensão universitária destaca ao afirmar que trata-se de um espaço que não apenas aplica conhecimentos teóricos, mas os coloca em questão, exigindo do estudante flexibilidade, escuta e revisão constante de suas próprias concepções (Pinheiro; Narciso, 2022; Silva, 2020; Jager *et al.*, 2021; Santos; Rocha; Passaglio, 2016). A exposição final das produções, ao ampliar as possibilidades de reconhecimento social dos assistidos, sintetiza o próprio sentido da extensão: transformar, por meio do encontro, tanto a comunidade quanto os futuros profissionais nela envolvidos.

Como limitação, destaca-se que este relato não teve como propósito avaliar sistematicamente efeitos terapêuticos das atividades desenvolvidas, cabendo a estudos futuros investigar, de forma mais aprofundada, os impactos da arteterapia sobre a autonomia e a qualidade de vida de pessoas em sofrimento psíquico atendidas por instituições como a ASADOM. Ainda assim, a experiência reforça a relevância de projetos de extensão que aproximem a Psicologia de práticas de cuidado sensíveis à história e à singularidade de cada sujeito.

Referências

ANDRIOLO, Arley. A "psicologia da arte" no olhar de Osório Cesar: leituras e escritos. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v. 23, n. 4, p. 74-81, 2003. Disponível em: https://www.scielo.br/j/pcp/a/HPXhN9R7LSYnXKrtRwvvrbN/?lang=pt. Acesso em: 15 set. 2026.

ASSOCIAÇÃO DE AMPARO AOS DOENTES MENTAIS SÃO JOÃO BATISTA (ASADOM). [Perfil]. **Facebook**, Caratinga, [s. d.]. Disponível em: https://www.facebook.com/asadom2006/. Acesso em: 18 set. 2026.

CASTRO, Eliane Dias de; LIMA, Elizabeth Maria Freire de Araújo. Resistência, inovação e clínica no pensar e no agir de Nise da Silveira. **Interface – Comunicação, Saúde, Educação**, Botucatu, v. 11, n. 22, p. 365-376, 2007. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S1414-32832007000200017. Acesso em: 16 set. 2026.

CORREIA, Pedro Rocha; TORRENTÉ, Mônica de Oliveira Nunes. Efeitos terapêuticos da produção artística para a reabilitação psicossocial de pessoas com transtornos mentais: uma revisão sistemática da literatura. **Cadernos de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 4, p. 487-495, 2016. Disponível em: https://www.scielo.br/j/cadsc/a/F99LDR3djqcnSX3YtmXnPgJ/?lang=pt. Acesso em: 16 set. 2026.

DIÁRIO DE CARATINGA. Asadom recebe ajuda dos Lions de Caratinga. **Diário de Caratinga**, Caratinga, 23 mar. 2017. Disponível em: https://diariodecaratinga.com.br/cidade/asadom-recebe-ajuda-dos-lions-de-caratinga/. Acesso em: 18 set. 2026.

DIÁRIO DE CARATINGA. Semana da Luta Antimanicomial. **Diário de Caratinga**, Caratinga, 15 maio 2019. Disponível em: https://diariodecaratinga.com.br/cidade/semana-da-luta-antimanicomial/. Acesso em: 18 set. 2026.

FRAYZE-PEREIRA, João Augusto. Nise da Silveira: imagens do inconsciente entre psicologia, arte e política. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 197-208, 2003. Disponível em: https://www.scielo.br/j/ea/a/DXNtq8VnSpjxsh5YvgYX8qM/?format=html&lang=pt. Acesso em: 15 set. 2026.

v. [01] | n. [02] | p. [214-229] | [jul-dez] [2026]
ISSN: 3086-819X

GALVANESE, Ana Tereza Costa; NASCIMENTO, Andréia de Fátima; D'OLIVEIRA, Ana Flávia Pires Lucas. Arte, cultura e cuidado nos centros de atenção psicossocial. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v. 47, n. 2, p. 360-367, 2013. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rsp/a/FCJZBYFtZ4xMkG3JfNmT8FM/?lang=pt. Acesso em: 16 set. 2026.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA (IPEA). **Mapa das Organizações da Sociedade Civil**: Associação de Amparo aos Doentes Mentais São João Batista. Brasília, DF: Ipea, 2024. Disponível em: https://mapaosc.ipea.gov.br/detalhar/506184. Acesso em: 18 set. 2026.

JAGER, Márcia Elisa *et al*. Formação em psicologia e práticas extensionistas: relato de uma experiência universitária. **Linhas Críticas**, Brasília, v. 27, e35340, 2021. Disponível em: https://periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas/article/view/35340. Acesso em: 15 set. 2026.

JUNG, Carl Gustav. **O homem e seus símbolos**. Tradução de Maria Lúcia Pinho. 5. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013.

PINHEIRO, Jonison Vieira; NARCISO, Christian Silva. A importância da inserção de atividades de extensão universitária para o desenvolvimento profissional. **Revista Extensão & Sociedade**, Natal, v. 14, n. 2, 2022. Disponível em: https://periodicos.ufrn.br/extensaoesociedade/article/view/28993. Acesso em: 27 jan. 2026.

SANTOS, João Henrique de Sousa; ROCHA, Bianca Ferreira; PASSAGLIO, Karla Torres. Extensão universitária e formação no ensino superior. **Revista Brasileira de Extensão Universitária**, Chapecó, v. 7, n. 1, p. 23-28, 2016. Disponível em: https://periodicos.uffs.edu.br/index.php/RBEU/article/view/3087. Acesso em: 15 set. 2026.

SILVA, Wagner Pires da. Extensão universitária: um conceito em construção. **Revista Extensão & Sociedade**, Natal, v. 11, n. 2, 2020. Disponível em: https://periodicos.ufrn.br/extensaoesociedade/article/view/22491. Acesso em: 27 jan. 2026.

TOMMASI, Sonia Maria Bufarah. **Arteterapia e loucura**: uma viagem simbólica com pacientes psiquiátricos. São Paulo: Vetor, 2005.